

RESENHA

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma:** para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006. 261 p.¹

Carla Cristina Vieira de Oliveira²

Trata-se de uma análise da decadência e do desaparecimento do universo que chamamos de “social”, já que estamos marcados pela ruptura dos laços sociais e pela ascensão do individualismo. Sendo assim, vive-se a destruição das categorias “sociais” e passa-se a repensar as questões referentes a classes e movimentos sociais, instituições como família e escola. Hoje os conflitos de classes situam-se no mais alto nível de gestão global, principalmente o nível financeiro, ao invés do nível do trabalho e da organização de produção.

Ao falar de globalização, o autor expressa que globalizar significa separar a economia e a sociedade, separação que traz em si a destruição da própria idéia de sociedade. A globalização é uma forma extrema de capitalismo que não tem mais contrapeso. Ressalta-se uma contraposição entre a globalização e os movimentos altermundialistas, que ocupa um lugar tão importante nos dias de hoje, quanto os socialistas na sociedade industrial. Os altermundialistas lutam contra o rumo capitalista da economia e da sociedade. O movimento altermundialista convoca para uma gestão democrática das grandes transformações históricas, pois ele é um elemento central de nossa época que se opõe diretamente à globalização enquanto pretende eliminar todas as formas de regulamentação social e política da atividade econômica. Já o nacionalismo é a imposição dos interesses do Estado à nação e ao conjunto da sociedade. Os nacionalismos contribuíram poderosamente para destruir a sociedade, impondo a ela uma lógica de guerra, uma divisão do mundo entre amigos e inimigos que bloqueia o funcionamento da sociedade.

¹ Título original: Un nouveau paradigme pour comprendre le monde d'aujourd'hui. Tradução de Gentil Avelino Titton.

² Mestranda em Ciência da Informação pela ECI/UFMG

A mudança de paradigma é sentida pela mudança de valores, pela mudança de sentidos das coisas e das leis de mercado. Um exemplo é a questão dos critérios de julgamentos econômicos que não correspondem à intensidade da demanda. A idéia é lançada pelos tomadores de decisão econômica, que alteram o preço dos produtos em função de suas necessidades. E a imagem é vinculada através da mídia dos produtos e outros objetos que determinam o nosso olhar.

Para Touraine, os atores sociais e os movimentos sociais no mundo atual podem ser caracterizados pela autenticidade dos sujeitos pessoais e pela criação de movimentos culturais. E a sociedade, um sistema social dotado de seus mecanismos de funcionamento e de mudança, tem por contrapartida uma rejeição de toda análise e de toda forma de organização social que considere o indivíduo segundo outros critérios que não o lugar que ele ocupa na sociedade. Estamos vivendo o fim de um tipo de sociedade, de uma representação da sociedade em que o mundo ocidental viveu durante anos: o fim da representação social de nossa experiência.

A idéia de modernidade é definida pelo fato de dar fundamentos não sociais aos fatos sociais, de impor a submissão da sociedade a princípios ou a valores que, em si mesmos, não são sociais. A modernidade então é fundamentada em dois princípios: o primeiro é a crença na razão e na ação racional e o segundo é o reconhecimento dos direitos do indivíduo. Da análise da modernidade, conclui-se que uma sociedade moderna se funda nesses dois princípios apresentados, que não são de natureza social. Assim, a modernidade não é uma forma de vida social.

A decomposição do social marca um caos composto por uma crise exposta pela violência, pela guerra e pela dominação dos mercados que escapa a toda regulamentação social e à obsessão identitária dos comunitarismos. A organização social é ameaçada, de um lado, pela globalização e, de outro, pelo indivíduo que tenta resistir à violência. O individualismo surge como uma resposta à busca de “sentido” do indivíduo. A modernidade combate a sociedade e até se apodera dela através do sujeito que se opõe, cada vez mais, à idéia de sociedade, possibilitando a afirmação da liberdade do indivíduo.

O sujeito pessoal luta contra as formas de vida social que tendem a destruí-lo, contra o tipo de individualismo que é manipulado pelas motivações dos mercados e dos programas. O indivíduo é refletido no contexto da desagregação do eu e da ascensão de um individualismo, de uma autonomia que não está subordinada a nenhum objetivo social ou político. Dessa forma, o indivíduo moderno foge dos determinismos sociais, tornando-se um sujeito autocriador.

A idéia de sujeito é despertada pela capacidade de adquirir e de manifestar uma consciência em si mesma autofundada, o que possibilita a distinção do sujeito do ego, ou melhor dizendo, da consciência do eu, que é formada pela interiorização das imagens que os outros têm de “mim”. Ao realçar a questão dos sujeitos, estamos exigindo respeito aos direitos humanos fundamentais.

Os sujeitos necessitam de um conflito para que ocorra uma ação coletiva. E que a consciência do sujeito é composta por três componentes: uma relação a si mesmo como portador de direitos fundamentais, um conflito com as forças dominantes que lhe impossibilitam o direito de agir como sujeito e, por fim, cada um como sujeito, propõe certa concepção geral do indivíduo.

O sujeito pode ser corrompido pela obsessão da identidade. Alguns problemas são sentidos pelo não-direito à diferença. A questão da limpeza étnica e religiosa é a mais comum e assustadora. O autoritarismo, a ignorância, o preconceito, o isolamento são obstáculos à produção de si mesmo como sujeito.

A idéia de uma sociedade não social é abordada com mais propriedade na segunda parte do livro, onde as categorias culturais substituem as categorias sociais, o que leva à construção de uma nova representação da vida social. O ponto central que o livro pretende discutir é justamente a mudança de paradigma em nossa representação da vida coletiva e pessoal. Passamos a perceber a passagem de uma linguagem social sobre a vida coletiva para uma linguagem cultural. O autor ressalta que as coletividades voltadas para o exterior e para a conquista do mundo estão sendo substituídas por outras voltadas para o interior de si mesmas e de todos aqueles que ali vivem.

Em alguns momentos, as idéias propostas pelo autor parecem assumir um caráter utópico, irreal. Um exemplo é quando ele sonha a possibilidade de uma vida social desprovida de instituições. Mas há uma contradição em nossa sociedade e isso é evidente porque estamos realmente vivendo essas questões, e a ação dos atores, considerando-se que também estamos atuando nesse cenário, não é muito definida. A angústia do novo que é posto, mas ao mesmo tempo ainda não está posto, ou seja, estamos vivendo uma transição indefinida em que nem sempre encontramos uma referência.

A idéia de modernidade é definida por valores universais e um ideal proposto seria estabelecer um laço entre as diferentes culturas e a concepção de modernidade. Os direitos culturais possuem um poder de mobilização devido a sua concretude e por se tratar de uma população determinada.

Não existe apenas um modo de modernização capaz de levar um país à modernidade; nem, ao menos, existe um único modelo. Essa idéia de modernidade trabalha o reconhecimento do outro como diferente, assumindo formas diversas e possibilitando a comunicação entre culturas próximas. A idéia de direitos culturais envolve o direito de cada indivíduo de praticar sua cultura, sua língua, sua religião, suas relações de parentesco e seus hábitos alimentares entre outros.

Entende-se que a sociedade atual é marcada por indivíduos que buscam se encontrar em meio a tantas contradições, requerendo o seu direito de ser diferente; respeitando a sua subjetividade, ao tornar-se sujeito como um meio de debater as regras e defender o seu espaço no cenário social e cultural, pois o sujeito está agrupado pela sua igualdade com outros sujeitos.